



“SOU GAY E JESUS ME ACEITA”: UM ESTRANHAMENTO DISCURSIVO?



“I’M GAY AND JESUS ACCEPTS ME”: A DISCURSIVE STRANGENESS?

EDUARDO SOARES DA CUNHA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 20/07/2020 • APROVADO EM 09/11/2020

Abstract

In this work, we propose an analysis of a post published by a church on the social network Instagram. The institution is known for seeking to promote the inclusion of subjects not accepted in other religious entities, especially LGBT individuals. Thus, we are interested in observing, through the theoretical contributions of Discourse Analysis (AD), founded by Michel Pêcheux in the 1960s, the way in which the congregation's discourse appears in the post, considering the conditions of saying, the subject and the story. From this, we intend to verify how the effects of the publication occur, through a possible discursive strangeness.

Resumo

Propomos, neste trabalho, a realização da análise de uma postagem publicada por uma igreja na rede social *Instagram*. A instituição é conhecida por procurar promover a inclusão de sujeitos não aceitos em outras entidades religiosas, em especial os indivíduos LGBTs. Com isso, nos interessa observar, por meio das

contribuições teóricas e metodológicas da Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux na década de 1960, o modo pelo qual o discurso da congregação se apresenta na postagem, considerando as condições do dizer, o sujeito e a história. A partir disso, pretendemos verificar de que modo se dão os efeitos de sentido da publicação, através de um possível estranhamento discursivo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Discourse Analysis. Contemporary Christian Church. Strangeness.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Igreja Cristã Contemporânea. Estranhamento.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade cada vez mais intolerante e dogmática, discursos que versam sobre a aceitação do outro parecem configurar como uma utopia. Isso se torna ainda mais perceptível quando atentamos para dois segmentos sociais aparentemente postos em campos ideológicos antagônicos – cristãos e LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais)¹.

Com efeito, tem sido comum acompanharmos as constantes ameaças dirigidas a sujeitos que transgridem as normas sexuais e de gênero impostas pelo social. Muitos insultos são proferidos por indivíduos inseridos em campos políticos e/ou religiosos, a exemplo do atual presidente da república, autodeclarado cristão e para quem “o Brasil não pode ser um país do mundo *gay*, temos famílias”². Em tal posicionamento, percebemos nitidamente o olhar LGBTfóbico e fundamentalista de Jair Messias Bolsonaro, vinculado a um discurso religioso que concebe apenas uma forma de família, desconsiderando as demais. Desprivilegiadas e colocadas à margem, nesse enunciado, são também as sexualidades e as identidades de gênero não hegemônicas. Butler (2018) nos alerta para uma pretensa relação de coerência pautada entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Desse modo, sujeitos que subvertem tais normas e expectativas geram uma “incoerência” em um modelo cis-heteronormativo e passam a ocupar uma posição ininteligível, sendo subalternizados, vistos como abjetos.

De acordo com Droit (2017, p. 66), “a intolerância, a violência e a guerra vêm do fato de cada um estar convencido de que seu universo é o único válido, o melhor, o que constitui o único mundo verdadeiro”. Com isso, ao se posicionar em um lugar que lhe confere legitimidade e gozo dos direitos civis, o intolerante nega a possibilidade de existência de outros sujeitos e de outros lugares. Dessa forma, alguns adeptos do segmento cristão, por meio de um discurso bastante conservador,

¹ Reconhecemos a existência de outras siglas. Para este trabalho, adotamos aquela que foi convencionalizada durante a realização da 1ª Conferência Nacional LGBT, em 2008.

² Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-temos-familias-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

costumam não reconhecer e/ou não aceitar aqueles que, em sua visão, devem ser encarados como “pecadores”, “nefandos”, “sodomitas”, dentre tantas outras adjetivações pejorativas. Esse olhar sobre as homossexualidades, assim como aponta Trevisan (2018), se faz presente desde a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil. O mesmo autor aponta ainda que:

Na Europa dos séculos XVI, XVII E XVIII, não apenas Espanha, Portugal, França e Itália, católicas, mas também Inglaterra, Suíça e Holanda, protestantes, puniam com severidade a sodomia. Seus praticantes eram condenados a punições capazes de desafiar as imaginações mais sádicas, variando historicamente desde multas, prisão, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalho forçado (nas galés ou não), passando por marca com ferro em brasa, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte na fogueira, espancamento e afogamento. (TREVISAN, 2018a, p. 132)

Em uma consulta realizada ao Dicionário Online Michaelis, encontramos as seguintes definições para o vocábulo “cristão”: “1 - que declara sua fé em Cristo; 2 - que frequenta qualquer igreja seguidora do cristianismo; 3 - que age de acordo com os princípios do cristianismo e 4- que foi influenciado pelo cristianismo”. (CRISTÃO, 2020). Como vemos, a definição é muito ampla e contempla uma infinidade de práticas e sujeitos para além daqueles que recebem o batismo. Desse modo, não é apenas por meio da inserção em uma entidade religiosa ou por meio de um protocolo e/ou rituais sagrados que um indivíduo pode ser considerado cristão. Existem diversas pessoas que se declaram seguidoras de Cristo, mas aderem de forma parcial aos preceitos do Cristianismo.

Assim, é importante salientarmos que, quando estamos falamos de “cristãos”, entendemos uma multiplicidade de posições que podem ser ocupadas. Com efeito, podemos estar diante de alguma pessoa que se utiliza dos preceitos bíblicos para condenar determinadas sexualidades, mas que parece não considerar outras passagens do texto bíblico, como, por exemplo, a proibição do divórcio, apontada em Coríntios 14:34. Assim, embora exista um determinado discurso e uma formação discursiva que podemos denominar de FD-Cristã, as posições ocupadas a partir dessa FD podem ser muitas e, por vezes, conflitantes.

Não podemos, também, imaginar apenas uma maneira de vivenciar e praticar o Cristianismo, visto que existem diferentes vertentes do segmento. É claro que alguns posicionamentos são compartilhados por muitas dessas vertentes, o que nos permite pensar e refletir a partir de uma dada formação discursiva, mas há também algumas diferenças que fazem com que cada vertente apresente suas particularidades e se diferencie das demais. A própria questão das homossexualidades pode ser um exemplo. Embora condenada pelo texto bíblico, a forma como a vertente neopentecostal e a vertente católica lidam com a problemática apresenta divergências. Na Igreja Católica, sobretudo após os posicionamentos do Papa Francisco sobre temáticas de interesse da causa LGBT, parece haver uma maior abertura para a discussão e aceitação dos sujeitos, mesmo

que, em muitos casos, continuam por condenar as sexualidades desviantes. Já no neopentecostalismo³, de uma forma geral, a postura adotada apresenta um olhar muito mais conservador e fundamentalista, assim como podemos acompanhar em diversos programas televisivos e nas novas tecnologias da comunicação e da informação.

Embora ocorridas algumas mudanças, a negação de certas sexualidades e identidades de gênero ainda se configuram como uma forte pauta religiosa, a exemplo da polêmica “cura gay”, que, mesmo após a proibição pelo Conselho Federal de Psicologia, continua suscitando discussões que visam a sua aplicação. Diante do exposto e, considerando as duas formações discursivas (FDs), que denominaremos aqui de FD-Cristã, com todas as ressalvas já feitas, e de FD-LGBT, propomos a realização de uma análise com o intuito de verificar um possível estranhamento discursivo (ERNST, 2009) em uma postagem publicada por uma instituição religiosa que se apresenta como não condenatória das sexualidades dissidentes, mas que, no entanto, insere-se em um campo ideológico cristão de vertente neopentecostal. Nos interessa, portanto, observar de que modo o seu discurso nos é apresentado em tal publicação, pensando nos possíveis efeitos de sentido, mediante uma nova configuração do dizer.

Para isso, utilizaremos alguns conceitos e contribuições da Análise do Discurso de linha francesa (AD), teoria fundada por Michel Pêcheux na década de 1960. Como aponta Ferreira (2003, p. 4), “a Análise do Discurso vai deter-se precisamente no processo de produção dos sentidos, através de procedimentos que desvendem a historicidade contida na linguagem em seus mecanismos imaginários”. Assim, foram mobilizados os seguintes conceitos para a realização deste trabalho: Formação Discursiva, Interdiscurso, Condições de Produção e Estranhamento.

Por fim, apresentamos a estruturação do presente escrito: primeiramente, trazemos algumas noções sobre o surgimento e a atuação da entidade religiosa responsável pela postagem na rede social Instagram. Após isso, fazemos uma breve explanação teórica dos conceitos mobilizados, seguidos da apresentação do *corpus* e de uma possível análise.

2 A IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA: PILARES A ATUAÇÃO

Para iniciar esta seção, faremos uma viagem até o final da década de 1960. Tal retrospectiva se torna necessária quando consideramos a importância da Revolta de Stonewall, ocorrida em 1969, para o despertar do movimento LGTB. Concentrada na cidade de Nova Iorque, a revolta impulsionou o movimento ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Desde então, grupos se formaram com o intuito de debater, socializar e defender suas causas, interesses e direitos.

Entre os diversos grupamentos surgidos, mencionamos o pioneirismo de alguns indivíduos que se propunham a realizar reuniões, geralmente em suas

³ O Neopentecostalismo, de acordo com Mariano (1996), surge no final da década de 1970. Se caracteriza por uma atuação em três aspectos: guerra espiritual contra o Diabo, não adesão de estereótipos tradicionais do pentecostalismo (vestimenta, por exemplo) e difusão da Teologia da Prosperidade.

próprias residências, com o objetivo de refletir sobre a exclusão de homossexuais em entidades religiosas, sobretudo cristãs. Em geral, os participantes eram frequentadores de algum espaço religioso, mas não se viam representados e/ou aceitos. A partir dessas experiências, abriu-se espaço para que, no final da década de 1960, tivéssemos a inauguração da primeira igreja voltada para o público LGBT, a *Metropolitan Community Church* (MCC), em Los Angeles – Califórnia.

Nesse período, como aponta Oliveira (2017), não havia um ambiente propício para o surgimento de instituições como a MCC no Brasil, visto que vivíamos uma forte repressão da Ditadura Militar e uma predominância do Catolicismo. Um outro fator que cabe ser mencionado é a ausência de um movimento organizado. Assim, embora sejam apontadas algumas iniciativas já no fim dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, o surgimento do movimento em nosso país costuma ser datado em 1978, com a criação do Grupo Somos, de acordo com Trevisan (2018b).

A partir disso, novos grupos surgiram, e a discussão sobre o espaço das homossexualidades no campo religioso ocupou a pauta de muitos encontros. Mott (2006) nos chama a atenção para a importância do movimento no combate a uma homofobia religiosa, por meio de manifestações e participações em atos públicos. Desse modo, não há como falarmos sobre a instauração de igrejas inclusivas sem mencionar o caráter pioneiro do movimento LGBT brasileiro, possibilitando novos espaços e novas temáticas de discussão em nosso território.

Com efeito, De Jesus (2012) observa que, a partir do início da década de 1990, foi iniciada uma articulação inter-religiosa com o objetivo de refletir sobre as intersecções possíveis no que se refere às homossexualidades/religiosidades. Os sujeitos compartilhavam as suas experiências de exclusão, a necessidade de pertencimento ao espaço religioso e formas de organização para uma nova realidade.

Assim, no início dos anos 2000, presenciamos um fenômeno denominado por De Jesus (2012) como “proliferação de igrejas inclusivas”. Similar ao ocorrido nos EUA, grupos de discussão e implementação antecederam o surgimento das instituições. É importante salientar, conforme assinalam Tavares e Camino (2017), que, embora tais entidades apresentem diferenças ideológicas e dogmáticas, todas convergem quanto à não condenação das homossexualidades, por meio de uma hermenêutica bíblica que objetiva resgatar o contexto em que os textos foram escritos e considerar o momento em que são lidos.

Dentre as diversas congregações surgidas, apontamos: Igreja Acalanto: Ministério Outras Ovelhas, Igreja da Comunidade Metropolitana, Comunidade Cristã Nova Esperança e Igreja Cristã Contemporânea. Considerando o espaço que temos neste trabalho e a importância para a discussão que pretendemos realizar, daremos uma maior atenção à Igreja Cristã Contemporânea (ICC).

Para iniciar, destacamos que, em uma pesquisa etnográfica realizada por Natividade (2008), o autor menciona que, em debates que antecederam a inauguração da entidade, a utilização do termo “contemporânea” tinha por objetivo indicar que a denominação se pretendia “moderna”, “sem preconceitos”, “uma igreja para a frente”. A partir desses ideais, no dia 10 de setembro de 2006, ocorreu a inauguração da primeira sede da entidade, localizada no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Com o passar do tempo, o número de fiéis foi aumentando consideravelmente, e novos

templos foram inaugurados. Em sua autoapresentação, disponível em seu portal, a entidade religiosa apresenta a seguinte missão:

levar o amor de Deus a todos, sem preconceitos, através de um ministério que reflete a imagem do Senhor Jesus que adequou à sociedade e à cultura de seu tempo um chamado vivo de comunhão com Deus, acolhendo todos os excluídos, sem impedimento religioso algum. (IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, 2020)

O exposto acima é fundamental para que possamos melhor entender a posição ideológica da entidade, suas filiações e, conseqüentemente, o seu discurso. Atualmente, a instituição conta com 11 unidades, distribuídas entre quatro estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

A Igreja Cristã Contemporânea realiza um amplo trabalho de divulgação nos espaços digitais, de modo que todo o material disponibilizado pela instituição aponta para as suas redes. Camisetas, panfletos, *folders* e *outdoors* convidam os interessados a realizar uma visita e conhecer mais sobre a ICC, através da internet. Essa é, sem dúvidas, uma das características que a diferencia das demais, visto que outras instituições não atualizam e/ou não monitoram seus endereços virtuais. Algumas, sequer, os possuem. De acordo com Lorenzo (2016, p. 62), “as instituições religiosas de posicionamento inclusivo se destacam num momento propício ao conteúdo compartilhável em rede social virtual”. O autor aponta que essas comunidades religiosas, atentas ao cotidiano na internet, consideram rentável investir esforços em campanhas institucionais em tais espaços, visto que a evangelização por meio do virtual tem apresentado um melhor resultado na relação custo-benefício.

Levy (1999) já destacava que estávamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, cabendo apenas explorarmos suas potencialidades positivas nos planos econômico, político, cultural e humano. Após duas décadas, vemos que as potencialidades proporcionadas pelo advento tecnológico estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Assim como diversos segmentos da nossa sociedade, o religioso também se tornou um adepto das tecnologias.

Desse modo, ao considerar o contexto de expansão da Igreja Cristã Contemporânea, presente em diversos estados do nosso país e os usos que faz da internet, por meio de sua divulgação em diversos canais, acreditamos que seja interessante um olhar para o conteúdo postado pela instituição e, conseqüentemente, para os possíveis efeitos de sentidos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: A ANÁLISE DO DISCURSO

Como apontado anteriormente, nosso referencial teórico-metodológico está pautado nas contribuições da Análise do Discurso de linha francesa, de maneira especial nas noções de Formação Discursiva, Interdiscurso, Condições de Produção e Estranhamento. Neste espaço, comentaremos sobre tais conceitos.

Iniciamos pela ideia de Formação Discursiva (FD). Tal expressão surgiu com Foucault em **Arqueologia do saber** (1975), sendo ressignificada por Pêcheux na teoria que ora nos filiamos para a realização deste trabalho. Assim, a partir dos seus estudos em *Análise do Discurso*, Orlandi (2013, p. 42) aponta que: “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada numa conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”.

Desse modo, cabe destacar que todo o sujeito demarca a sua posição a partir da inserção em uma determinada formação discursiva. Com isso, podemos também apoiados nas contribuições de Orlandi, dizer que as palavras não possuem seus sentidos nelas próprias, visto que estão inscritos nas FDs em que são empregadas. Dessa maneira, a depender do lugar em que são postas em uso, podem apresentar diferentes efeitos de sentido. Cumpre mencionar que a FD não é restrita e fechada, ela está sempre passível ao diálogo com outras FDs. Em termos mais abrangentes, podemos dizer que a formação discursiva regula a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso.

Outra questão fundamental para o objetivo aqui almejado refere-se à noção de interdiscurso, sendo “fruto da presença de diferentes discursos, provenientes de diferentes históricos e lugares sociais, que se entrecruzam no interior de uma formação discursiva” (SILVA, 2012, p. 310). Desse modo, salientamos que o olhar do pesquisador não deve estar voltado somente para as questões estritamente linguísticas. É preciso entender/desvendar o extralinguístico, as circunstâncias históricas e sociais de produção de um discurso. Para isso, é primordial entendermos que o sujeito não é a origem do seu dizer; é necessário considerarmos que algo fala antes, que existe um anterior ao momento em que um discurso é proferido. Para cada objeto do mundo, há uma memória discursiva, um interdiscurso que constitui aquilo que falamos/lemos/ouvimos.

Com efeito, Orlandi (2013, p. 31) destaca que o “interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma formação discursiva dada”. Isto é, no interior de cada FD, existem memórias que direcionam o sentido do nosso discurso, a depender da situação e do sujeito por quem ele é proferido. Com isso, surge, neste momento, a relevância de abordarmos as “condições de produção”.

Ao refletir sobre tal noção, frisamos, mais uma vez, a importância de considerarmos a exterioridade. As condições de produção de um discurso devem ser pensadas a partir de um ponto de vista que as considere em um sentido estrito, envolvendo as circunstâncias de enunciação e, em sentido amplo, perpassando pelo contexto sócio-histórico-ideológico. Pêcheux (2014, p. 77) aponta:

[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está pois, bem ou mal, situado no interior de relações de força existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa.

A partir do exemplo trazido por Pêcheux no campo da política, se torna ainda mais perceptível o fato de o sujeito assumir uma posição inserida em uma história, em um tempo e em um lugar, sob determinadas condições – sem as quais não há discurso. É justamente essa inserção que irá moldar, formular e fazer significar aquilo que enunciamos. Em suma, para que possamos resgatar os conceitos visto até aqui, podemos afirmar que todo o discurso se apoia em uma historicidade, em um já-dito, em uma memória discursiva. É produzido e circula em determinados contextos, em determinadas condições de dizer, constituintes de cada FD.

Amparada nas contribuições pêchetianas e com um olhar que combina o teórico com o metodológico, Ernst (2009) salienta que cada *corpus* instaura questões específicas e que, a partir disso, mobiliza diferentes abordagens analíticas. Com isso, propõe três conceitos-chave para o trabalho de análise, a saber: o excesso, a falta e o estranhamento. Segundo a autora, “aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso” (ERNST, 2009, s./p.) podem apontar para a identificação de elementos que poderão servir como procedimentos de análise. No espaço que aqui temos e considerando o nosso objetivo, nos deteremos especificamente no terceiro elemento, ou seja, o estranhamento.

De acordo com a pesquisadora, a noção pode ser apresentada da seguinte forma:

[...] estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa fora do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significativa, marcando uma desordem no enunciado. Aqui se dá o efeito de pré-construído através do qual “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado. (ERNST, 2009, s./p.)

Como vimos, a contribuição apresentada está diretamente relacionada aos conceitos anteriormente expostos. Desse modo, compete ao analista pensar sobre aquilo que se apresenta como estranho em um discurso, sempre considerando as condições estritas e amplas em quem se ancora a produção discursiva. Corroborando com as ideias ernstianas, concordamos com Braga (2018, p. 2435), para quem “[...] podemos escrever que aquilo que é dito demais, estranha; aquilo que é dito de menos, estranha; e aquilo que não parece caber ser dito, estranha duplamente”. Com isso, ao pensar em nosso objeto de análise, pensamos justamente sobre a questão daquilo que parece “não caber ser dito” por não se apresentar como parte de um imaginário possível no interior de uma determinada formação discursiva que incide o nosso interesse.

Mais adiante, ao socializar a análise realizada, mostraremos de que forma tais contribuições podem ser pensadas de modo a ampliar e auxiliar o olhar do pesquisador/analista diante do seu objeto de pesquisa. Na próxima seção, fazemos a exposição do *corpus*.

4 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O *corpus* selecionado para este trabalho refere-se a uma postagem realizada na rede social Instagram, no dia 19/05/2020. Nessa data, a entidade religiosa conta com o número de 8.589 seguidores. É importante salientar que o perfil é apresentado por meio de uma conta pública, em que todos têm acesso ao conteúdo compartilhado. Com a intenção de preservar a imagem do jovem que aparece na postagem, optamos pela ocultação do seu rosto. Abaixo, compartilhamos a publicação:



Imagem 1: Postagem ICC. Fonte: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/igrejacontemporanea/?hl=pt-br>> Acesso em: 18 out. 2020.

Ao considerarmos a importância das redes sociais e, especialmente, o alcance que um perfil no Instagram pode atingir, torna-se ainda mais interessante voltarmos o nosso olhar para os discursos e para as representações sociais que têm circulado nesses ambientes. Como aponta Castells (2003), estamos inseridos em uma sociedade em rede, na qual a internet pode ser vista como o tecido de nossas vidas. O autor destaca que, nos novos ambientes virtuais, a comunicação de muitos com muitos tem transformado o modo como interagimos com o outro. Diante disso, um olhar para a produção de discursos em tais espaços parece ser algo de grande relevância, sobretudo quando consideramos o fato de estarmos cada vez mais conectados, interagindo e negociando sentidos com outros sujeitos

Portanto, é de nosso interesse a realização de uma análise que considere o todo da postagem. Diante disso, destacamos que nosso olhar não estará voltado somente para a imagem, mas também para a sua legenda e para a utilização de *hashtags*, mecanismo que permite com que um *post* obtenha mais visibilidade e engajamento, por meio das ferramentas de busca e/ou pelos interesses dos usuários da rede. Reconhecemos a importância dos comentários, mas acreditamos que essa deve ser uma investigação para um outro momento, dada a sua relevância e a especial atenção que merece.

Na próxima seção, socializamos a nossa análise, lembrando sempre que é apenas uma dentre as muitas possíveis.

5 UMA POSSÍVEL ANÁLISE

Antes de iniciarmos, acreditamos que seja relevante considerarmos três fatores, a saber: (i) o espaço em que a postagem foi realizada; (ii) a instituição responsável pela publicação e (iii) as filiações ideológicas da entidade. Como já salientado, as condições de produção de um discurso são de grande importância para a realização de uma análise.

Em um contexto de grande expansão das tecnologias da comunicação e da informação, cada vez mais, sujeitos e instituições disputam efeitos de sentido em suas redes. Com isso, devemos levar em conta que, a partir do momento em que um perfil institucional é criado, não estamos diante de uma ingênua conta ou de uma sequência de algoritmos, mas de algo que representa a identidade, o posicionamento, a visão de mundo e a ideologia de uma dada entidade. Com efeito, as considerações que aqui serão feitas não se referem a um perfil virtual em si, mas à Igreja Cristã Contemporânea, inserida em um contexto social, histórico e ideológico, em uma dada formação discursiva, denominada, para fins de análise deste trabalho, de FD-Cristã.

Expostas essas considerações iniciais, gostaríamos de chamar a atenção para o texto verbal presente na imagem por meio da sequência discursiva (SD) “Sou *gay*, Jesus me aceita”. Acreditamos que, nesse caso, além de olharmos para a SD em questão, necessitamos também considerar o indivíduo que aparece na postagem, um jovem sorridente que, ao segurar o cartaz, ocupa uma posição – eu, homem, *gay*, cristão. Diante disso, torna-se interessante pensarmos sobre o que é ser um homem

gay em nossa sociedade e que memórias discursivas estão associadas à identidade desses sujeitos. Ainda, por extensão, devemos refletir sobre as mesmas questões quando consideramos a identidade de indivíduos cristãos, isto é, os discursos que dominam o campo religioso cristão, em especial aqueles que versam sobre as sexualidades dissidentes. Ou seja, necessitamos pensar sobre os interdiscursos que revelam tais identidades e posições. Em seus estudos sobre a pós-modernidade, Hall (2004) aponta que nossas identidades são formadas de maneira híbrida, composta por diversos marcadores como sexualidade, gênero, raça, classe e religião. Ao pensar em tal questão por meio da Análise de Discurso, podemos dizer que os elementos acima apontados nos inserem em determinadas formações discursivas, moldando o modo pelo qual visualizamos e nos posicionamos no mundo.

Não é novidade, quando atentamos para as identidades LGBTs, o discurso de negação e ódio dirigido a esses sujeitos por parte de representantes religiosos, que dizem “acolher o pecador, mas não o pecado”. Assim, textos bíblicos costumam ser utilizados como forma de legitimação e autorização de discursos opressores, conservadores e fundamentalistas. Um exemplo a ser dado pode ser o conhecido trecho de Levíticos 18:22⁴. Não por acaso, tais citações costumam ser denominadas como “textos de terror”. Pastores e líderes religiosos aparecem com certa frequência em programas televisivos com o intuito de condenar aqueles que, segundo eles, apresentam comportamentos tidos contra os ideais defendidos por uma visão cristã. Parte da sociedade, alinhada a esses pensamentos e inserida em cultura heteronormativa, aceita e (re)produz tais posicionamentos, de forma natural e inquestionável. Diante de tal cenário, Oliveira (2017) aponta que o enfrentamento realizado pelas igrejas inclusivas ao discurso religioso considerado *antigay* e homofóbico contribuiu para a criação de identidades coletivas que tinham por objetivo realizar uma oposição a um discurso visto como bélico e condenatório.

Ao imaginarmos uma postura religiosa frente às minorias sexuais e/ou de gênero⁵, logo pensamos na não aceitação, na exclusão, no insulto e na violência que, em algumas situações, pode levar à morte. Essa é, portanto, a memória discursiva que resgatamos no que se refere à uma FD-Cristã em contato com as questões que envolvem a discussão das referidas minorias. Um resgate disso pode ser acompanhado no trabalho desenvolvido por Natividade (2013), que destaca também a influência das religiões em outros campos, a exemplo da mídia, do espaço público e da política, operando em uma “homofobia religiosa”.

Voltando o nosso olhar para a imagem, destacamos que a filiação ideológica aos preceitos cristãos pode ser observada não somente pela utilização da palavra “Jesus”, como também pela presença do crucifixo, símbolo máximo do Cristianismo. Assim, propomos um olhar para o texto verbal dividido em dois blocos:

⁴ “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação”. (BÍBLIA, 2015, p. 205).

⁵ Conforme Vecchiatti (2018), o termo “minorias sexuais” refere-se àquelas pessoas que são discriminadas em virtude de orientação e/ou práticas sexuais que destoam daquelas defendidas por um moralismo majoritário. O termo “minorias de gênero” costuma ser utilizado em referência a um grupo discriminado em razão da sua identidade de gênero. Ainda segundo o autor, gênero, a partir de um ponto de vista hegemônico, pode ser entendido como um conjunto de características atribuídas e esperadas por meio da identificação da genitália.

- 1 - [Sou gay].
- 2 - [Jesus me aceita].

Vistas de forma independente, tais sequências pouco nos dizem, porém, a partir do momento em que estabelecemos relações entre (1) e (2), podemos melhor refletir sobre os possíveis efeitos de sentido.

Para isso, neste momento, devemos ponderar que, embora exista um indivíduo com o cartaz em suas mãos, este material foi produzido por uma instituição neopentecostal. Tal observação é crucial para os apontamentos que aqui serão feitos, bem como para os objetivos propostos. Outra questão interessante refere-se ao modo como o enunciado nos é apresentado, visto que é comum, nas formações discursivas cristãs, principalmente naquelas de vertente neopentecostal, a utilização da expressão “Jesus te ama”, sobretudo em missões de evangelização. Na SD que ora analisamos, aparece uma reconfiguração desse discurso, provocada, ao nosso ver, pelo estranhamento ocasionado no encontro entre (1) e (2). Essa ideia é ainda corroborada quando nos deparamos com a legenda da publicação.

O Instagram permite que os seus usuários, ao publicar uma foto ou imagem, insiram um texto que procure nos dizer algo sobre aquilo que é postado. Assim, é possível que sejam inseridos tanto textos verbais quanto imagéticos (figuras, por exemplo). Ao olhar para o material da ICC, mais especificamente para a sua legenda, podemos visualizar a seguinte mensagem: “Sorria, Jesus te aceita!”. O texto é ainda seguido por uma série de figuras que procuram estabelecer relações com o todo da postagem. Ao fazer essa inserção, a instituição procura, por meio da reconfiguração discursiva, estabelecer um dialógico com os usuários que visitam o seu perfil. Se anteriormente, na imagem, tínhamos a exibição de um jovem que se coloca em uma determinada posição-sujeito, agora, através da legenda, outros usuários também podem se colocarem tal posição, a partir do enunciado “Sorria, Jesus te aceita”. Ou seja, assim como o jovem é aceita, você também pode ser, independentemente de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. As figuras, apresentadas logo na sequência, auxiliam no efeito de sentido produzido pela legenda. A partir delas, podemos observar uma aproximação com o religioso, novamente por meio do crucifixo e das identidades LGBTs, representadas pela figura que simboliza a bandeira dessa comunidade.

É válido também mencionar a utilização das *hashtags*, tais como: #lesbian, #lesbicas, #gayboy, #lgbt, #instagay, #pride, #gaybrasil e #gaycristao. Para além de cumprirem com a função de divulgação e localização do perfil por meio dos interesses dos usuários, conforme já apontamos, essas ferramentas também podem nos auxiliar a pensar sobre possíveis efeitos de sentido da postagem. Ao olharmos para cada uma delas, separadamente, pouco podemos dizer; no entanto, ao relacioná-las com a imagem, com a legenda, com as outras postagens e com o próprio perfil, vemos que procuram ser estabelecidas algumas intersecções entre religiosidade, identidade de gênero e sexualidades – algo que pode causar um certo estranhamento mediante o acesso de uma memória discursiva.

Embora não tenhamos maiores informações sobre o local em que o cartaz foi exposto, é possível percebermos que o carro que aparece ao fundo da imagem traz algumas pistas que nos levam a imaginar de que se trata de uma Parada LGBT,

evento em que ocorre uma grande circulação do público-alvo da instituição e, por isso, ideal para a sua divulgação. Ao utilizar tal enunciado, podemos dizer que, ao se filiar à uma ideologia cristã, a própria ICC resgata um discurso de não aceitação de LGBTs por meio de uma memória discursiva. Do contrário, não seria preciso afirmar a orientação sexual do sujeito, sua aceitação perante o religioso e o imperativo “sorria”.

Diante disso, passamos a exercitar uma leitura da seguinte forma: “Sou *gay*, mas Jesus me aceita”. A ideia acarretada pelo conectivo adversativo (não presente na postagem) pode ser concebida quando consideramos todo o contexto de exclusão e repulsa de sujeitos LGBTs em discursos filiados à tal ideologia. Desse modo, não é suficiente somente dizer que Jesus ama essas pessoas, assim como afirmam outras entidades do segmento, mas também que as aceita e, dessa forma, por extensão, também as ama. É exatamente nesse contexto que cabe considerar, mais uma vez, a entidade responsável pela postagem, a ICC. Aqui, aparece uma aceitação, uma possível inclusão em um espaço que, por muito tempo, serviu de exclusão, repulsa, condenação e discriminação desses sujeitos.

Com efeito, ao elaborar o material e publicar em suas redes, para além de reproduzir um discurso afirmando que Jesus aceita os homossexuais, estão assegurando também que a entidade religiosa os aceita. Vale destacar que tal instituição, embora definida como inclusiva, insere-se em uma vertente associada aos dogmas do Cristianismo, atuando em um segmento neopentecostal. É neste momento que, ao nosso ver, parece ser evocado um estranhamento discursivo. Algo parece não caber no discurso apresentado, na ideologia que perpassa a formação discursiva em questão, principalmente quando resgatamos uma memória de dizer de posições dominantes no campo cristão em relação às homossexualidades. Embora com a existência de uma grande quantidade de textos que costumam ser utilizados na condenação de LGBTs, a ideia de uma aceitação divina ainda parece ser mais cabível perante a sociedade do que a inclusão desses sujeitos em um espaço religioso, tido como sagrado e guardião dos preceitos pautados pelo Cristianismo. Em nossa visão, o discurso apresentado busca romper com uma posição hegemônica, somente possível em sua relação com os já-ditos, com a memória discursiva diante do objeto e das novas condições de dizer que se apresentam em nossa sociedade, mesmo que ainda fortemente fundamentalista e intolerante. Com isso, esperamos que, da desordem discursiva, do estranhamento e daquilo que parece não caber em uma determinada FD, resultem novos efeitos de sentido, novas posições e olhares menos intolerantes no que se refere à aceitação desses sujeitos nos espaços religiosos/neopentecostais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, acreditamos que devemos destacar a importância das tecnologias da comunicação e da informação, sobretudo nos dias atuais, em que estamos cada vez mais conectados e interagindo com outros sujeitos. Para além do evidente papel que cumprem no que se refere a nossa comunicação, tais ferramentas

também nos possibilitam o acesso a discursos anteriormente pouco estudados, debatidos, conhecidos e acessados.

Salientamos que, ao realizar a análise, não objetivamos expor qualquer tipo de juízo de valor em relação à instituição, seus ideais, sua ideologia e seus fiéis. Defendemos que cada indivíduo tem o direito de escolher, se essa for a sua vontade, o lugar mais adequado para manifestar e/ou vivenciar a sua fé, independentemente de dogmas ou frentes religiosas. Nosso olhar esteve voltado para postagem analisada, com amparo teórico e metodológico das contribuições da Análise do Discurso. Reconhecemos, contudo, a importância de instituições como a ICC no que se refere ao acolhimento, aceitação e inclusão de sujeitos outrora colocados à margem do espaço religioso.

Por fim, cremos que o objeto proposto neste trabalho tenha sido atingido. O possível estranhamento apontado foi verificado, tendo como apoio as condições do dizer em que o discurso foi proferido. Tal conclusão só foi possível a partir do momento em que consideramos o todo da postagem, as condições de produção do dizer e as memórias discursivas acessadas.

Ressaltamos a importância de pensarmos nos dizeres que nos parecem estranhos, refletindo sobre os seus possíveis efeitos de sentido, a depender das circunstâncias em que são produzidos e significam, sempre considerando o sujeito, a história e a ideologia.

Referências

BÍBLIA. In: **Bíblia Sagrada**: velho e novo testamento. Tradução: João de Almeida. São Paulo: Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias, 2015.

BRAGA, Diego. O que estranha o olhar do analista de discurso? um exercício de reconhecimento do fato discursivo. In: DA SILVA, Renata; VINHAS, Luciana (org.). **Fórum Linguístico**: Falta, excesso e estranhamento – estudos em homenagem à Aracy Ernst. Florianópolis, v. 14, p. 2428-2439, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CRISTÃO. In: Dicionário Michaelis: dicionário brasileiro de Língua Portuguesa Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 20.out.2020.

DE JESUS, Maria de Fátima Weiss. **Unindo a cruz e o arco-íris**: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo. 2012. Tese (Tese de Doutorado) – Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DROIT, Roger-Pol. **Tolerância: O que é? Por que é importante? É possível nos dias de hoje? Como educar para a tolerância?.** Tradução: Patricia Reuillard. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

ERNST, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2009, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. s/p.

EXAME. **Brasil não pode ser país do mundo gay, temos famílias**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-temos-familias-diz-bolsonaro/>> Acesso em: 16.fev.2020.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA. **Website**. Disponível em: <<https://igrejacontemporanea.com.br/>>. Acesso em: 12.abr.2020.

IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA: Sorria Jesus te aceita. Salvador, 19. maio.2020. **Instagram**. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CAWuczFB4Dq/>> Acesso em: 18.out.2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LORENZO, Daniel. **Teologia Inclusiva nas redes sociais: evangelização inclusiva segundo a Igreja Comunidade Metropolitana em João Pessoa**. 2016. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – PPGCO, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *In* **Novos estudos**, nº 44, p. 24-44, março/1996.

MOTT, Luiz. Igreja e homossexualidade no Brasil: cronologia temática, 1547-2006. *In: Congresso internacional sobre epistemologia, sexualidade e violência*, 2, 2006, São Leopoldo. Disponível em: < http://www.diversidadecatolica.com.br/opiniao_mott.asp> Acesso em: 18.fev.2020.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo. Homofobia religiosa e direitos LGBT: notas de pesquisa. **Latitude**, Maceió, v.7, n.1, p. 33-51, 2013.

OLIVEIRA, Luiz, G. “**O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay**”: etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas: Editora Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD 69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

SILVA, Telma. O interdiscurso no gênero charge: um estudo do discurso humorístico sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa. **Domínios da Linguagem**. Uberlândia, v. 6, n.1, p. 302-320, 2012.

TAVARES, Talita; LEONCIO, Camino; TORRES, Ana. R. “Ado, Ado, Ado, ser viado não é pecado”: A trajetória de igrejas inclusivas dos Estados Unidos ao contexto Latino-Americano. *In*: LEONCIO, Camino *et al* (Org.) **Aqui, (tam)bem reguladas**: sexualidade e discursos de igrejas inclusivas. Recife: Editora Livro Rápido, 2017, p.22-67.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2018a.

TREVISAN, João Silvério. Somos o quê mesmo? *In*: GREEN, James *et al* (Org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Falamed, 2018b, p. 137-146.

VECCHIATTI, Paulo Roberto. Mobilização judicial pelos direitos da diversidade sexual e de gênero no Brasil. *In*: GREEN, James *et al* (Org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Falamed, 2018, p. 449- 470.

Para citar este artigo

CUNHA, E. S. da. “Sou gay e Jesus me aceita”: um estranhamento discursivo? **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 371-386.

O Autor

EDUARDO SOARES DA CUNHA é graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Mestre em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e doutorando em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).